

TRANSITANDO ENTRE PÁGINAS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO AFETO E IDENTIDADE DE TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS NA OBRA “ELVIS E MADONA”

TRANSITING BETWEEN PAGES: AN ANALYSIS OF THE REPRESENTATION OF AFFECTIONS AND IDENTITY OF TRANVESTITES AND TRANSGENDERS IN “ELVIS AND MADONNA”

Diego Bittencourt de Oliveira¹
Lucas Esperança da Costa²
Rodrigo Ribeiro Mansor³

Resumo: o presente trabalho tem como objetivo analisar a representação dos afetos e identidades de transgêneros e travestis na literatura brasileira através de uma análise bibliográfica da obra *Elvis & Madona* (2010), buscando compreender como essa obra literária nacional colabora para a construção social e a noção da identidade de gênero de pessoas transgênero num geral, bem como para a reflexão acerca da importância dos afetos, da rede de apoio e da inclusão social desse grupo minoritário. Tendo isso em vista, será realizada uma pesquisa de abordagem interdisciplinar, ou seja, combinando a obra a estudos literários e de gênero. Essa análise crítica permitirá a identificação de estereótipos e preconceitos que ainda permeiam na representação de transgêneros e travestis e de suas relações afetivas.

Palavras-chave: Transexualidade; Literatura brasileira; afeto; representatividade.

Abstract: the present work intends to analyze the representation of the affections and identities of transgender and transvestites in Brazilian Literature through a bibliographic analysis of the book *Elvis and Madona* (2010), seeking to understand how this national literature work contribute to the social construction and the notion of gender identity of transgender people in general, as well as for reflection on the importance of affection, support network and social inclusion of this minority group. For this reason, research will be carried out using an interdisciplinary approach, that is, combining the romance with literary and gender studies. This critical analysis will allow the identification of stereotypes and prejudices that still permeate the representation of transgender and transvestites and their emotional relationships.

Keywords: Transsexuality; Brazilian literature; affection, representativeness.

1 INTRODUÇÃO

Embora a literatura seja considerada como um espelho da realidade e um espaço de denúncia, “ela não tem representado suficientemente bem todos os conjuntos sociais, renegando muitos grupos à invisibilidade” (Silva, 2021, p. 31). Enquanto a maioria dos escritores célebres são homens brancos, cisgêneros e heterossexuais de um grupo privilegiado, pessoas que fogem desse padrão não têm sido verdadeiramente representadas,

¹ Graduado em Letras pela Faculdade Santa Marcelina Muriaé, especialista em Literatura, cultura e Ensino da Arte, Literatura Africana, Indígena e Latina e Literatura e Língua Inglesa pela Faculdade Iguaçu e pós-graduando em Literatura e ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN).

² Doutor e Mestre em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisas em Literatura Africana de Língua Portuguesa com ênfase em Angola e Moçambique no período colonial e pós-independência.

³ Formado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina (Muriaé/MG), e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa. Atua como professor nas redes municipal e estadual de ensino em Muriaé (MG).

além de ganharem pouco espaço e confiança do público no campo autoral, pois muitas editoras evitam ao máximo se arriscar em publicar histórias de perspectivas longe do padrão cisheteronormativo. Quando essas histórias não são contadas, ou quando são contadas apenas por uma perspectiva dominante, elas deixam de destacar a diversidade de maneira.

É diante dessa ineficácia da literatura midiática retratar minorias que a voz divergente de Luiz Biajoni ecoa entre aqueles que buscam representatividade no espaço social criado pela literatura. Sua obra *Elvis & Madona* (2010) apresenta não apenas protagonistas inseridos em um contexto de exclusão social diante da sua orientação sexual, como também aproveita para fazer críticas à sociedade e explorar as tensões sociais e as questões de gênero e sexualidade.

Diante desses aspectos da obra de Biajoni (2010), este artigo busca realizar uma análise acerca da construção da personagem principal (Madona), bem como de seus afetos. Para maior organização e compreensão, o texto será dividido em quatro tópicos: “A construção da personagem Madona”, “A carência de afeto presente na vida de Madona”, “O afeto entre as protagonistas” e “Ocultação e família”. Além disso, o artigo visa inserir a obra de Biajoni em um contexto social que indica a realidade de pessoas trans no Brasil, a partir de relatos pessoais retirados de biografias de algumas dessas pessoas.

2 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MADONA

Diferente da maioria das adaptações, o livro *Elvis & Madona* (2010) nasceu de um filme. Foi escrito por Luiz Biajoni, renomado escritor brasileiro conhecido por uma abordagem ousada em suas obras, a convite do cineasta Marcelo Laffitte. Considerando o ano de lançamento da obra, o livro traz uma narrativa cativante e instigante, repleta de elementos que exploram a diversidade cultural, a quebra de tabus e os desafios enfrentados pelos personagens principais.

O livro nasce da junção de duas figuras icônicas da cultura pop, Elvis Presley e Madonna, nomes que servem como metáfora para representar os protagonistas. A história se passa em Copacabana e apresenta uma trama não convencional e cheia de reviravoltas que giram em torno de Elvis, uma mulher lésbica e cisgênero que trabalha como motogirl em uma pizzeria e sonha em ser uma grande fotógrafa, e Madona, uma travesti forte e atraente, que trabalha em um salão de beleza como cabeleireira e sonha em ser uma estrela. Ainda na epígrafe de sua obra, Biajoni nos indica o ponto central de seu enredo, referindo-se à união entre duas personagens livres, tão diferentes e iguais ao mesmo tempo, unidas pelos sentimentos de não-lugar e não-pertencimento. Sua fala evidencia os encontros inusitados que a vida nos proporciona:

É uma história de amor, como milhares que vemos todos os dias. Mas é, ao mesmo tempo, singular, já que nunca se viu uma história de amor entre duas pessoas tão diferentes. Diferentes entre si, diferentes no mundo. Diferenças que se estreitam e viram semelhanças quando olhamos bem de perto para elas (Biajoni, 2010, p. 15).

Nas primeiras vinte e sete páginas do livro, o autor nos apresenta a história de Madona. Biajoni explora além da transexualidade da personagem, fugindo dos clichês frequentemente associados a personagens transgêneros. Madona possui uma boa relação com seu corpo e identidade de gênero, assunto introduzido no prólogo do livro, em uma conversa com sua melhor amiga, Índia Queen, também uma travesti. Nesse diálogo, percebemos que existem diferentes vivências de transexualidade, pois ele demonstra a inexistência de uma regra ou uma forma correta de se ser e viver enquanto pessoa trans. Índia Queen e Madona possuem pensamentos distintos:

— Madona, eu vou operar!

—

— É, eu já decidi! Vou para São Paulo botar buceta!

Era Índia Queen, a melhor amiga de Madona. Moravam juntas, ela ensinou tudo para a amiga iniciante, que não sabia nem andar de salto.

Há um tempo Índia falava destas duas ideias: ir pra São Paulo e botar buceta — fazer “a mudança”, que era como todos chamavam. As duas ideias chocavam Madona. Não queria ir para São Paulo, cidade horrível, cinza, alucinada. Muito menos botar periquita — ué, adorava o pirulitinho, como é que ia fazer com os clientes que gostavam de ser entubados? (Biajoni, 2010, p. 17).

Em relação a esse tema, é possível fazer uma comparação entre as diferenças das travestis Madona e Índia Queen e as ideias de Letícia Nascimento em seu livro *Transfeminismo* (2021):

De outro modo, ainda sobre as performances corporais de pessoas trans, é importante ressaltar que estas possuem diferentes desejos no processo de fabricação de seus corpos. É errado pensar que todas as pessoas trans possuem relação de rejeição com seus genitais e corporalidades de modo geral. Essa lógica de “transexualidade verdadeira”, lançada na década de 1950 pelos primeiros estudos que caracterizariam as transexualidades como patológicas, ainda persistem, e, para muitos, inclusive muitos profissionais da saúde, rejeitar o órgão sexual é o parâmetro mais confiável para determinar, na verdade “diagnosticar” transexualidade (Nascimento, 2021, p. 151).

Em seguida, a complexidade da personagem é revelada. No primeiro capítulo, somos apresentados à sua infância, ao abandono, à transfobia, à objetificação e à exploração

sexual que ela enfrenta. Assim como a maioria das mulheres transexuais e travestis no Brasil, Madona é marginalizada. A violência, o medo e o preconceito permeiam sua vida desde muito cedo, em quase todos os ambientes que frequenta e em boa parte das suas relações. Alguns trechos do capítulo evidenciam uma infância repleta de dor, sofrimento e repressão:

Tinha que ajudar a mãe, doceira, cuidando das meninas enquanto os irmãos caçoavam dele⁴, brigavam, batiam nele, chamavam-no de me-ni-ni-nha. “Com dez anos, eu já era toda feminina”, costumava contar (Biajoni, 2010, p. 19).

Quando percebeu que sua condição estava atrapalhando até mesmo a vida de sua família, fugiu. Foi no dia em que pegou o seu Anésio, dono do armazém, falando para a mãe que não queria que Adailton entrasse mais lá. “O seu filho é viado, e acho que essa coisa pega: não quero ele perto do Júnior.” Nesse dia, juntou umas roupas, botou numa sacola, deixou um recado para a mãezinha e caiu no mundo (Biajoni, 2010, p. 22).

É possível fazer um paralelo entre os trechos e a vivência de inúmeras pessoas transgênero e travestis. Dentre essas vivências, destaca-se a do psicólogo e escritor, também considerado o primeiro trans-homem a realizar uma cirurgia de redesignação sexual no Brasil, João W. Nery. Em seu livro *Viagem solitária* (2019), o autor narra sua vida desde seu nascimento, evidenciando que questões de gênero sempre foram um grande empecilho para o acesso aos afetos familiares, tão comuns na vida de pessoas cisgêneras e heterossexuais. No trecho abaixo, Nery discorre sobre uma noite em que, enquanto trabalhava como taxista, um cliente o surpreendeu:

— Gostei de você, garoto! Sabe de uma coisa? Você é o filho que gostaria de ter tido!
Senti um arrepio correr pela espinha, e meus olhos se encheram de água. Acho que foi a bebida, o calor do sol e das pessoas que me deixaram tão emocionado. Pensei imediatamente no meu pai. Como gostaria de ter ouvido essas palavras da sua boca. Durante anos lutei para ser amado desse modo por ele, para que me entendesse. Por mais que me esforçasse, a forma nunca era a certa ou, quem sabe, por defesa, nunca deixava que fosse. E esse sujeito sentado aqui ao meu lado que me conhece há poucas horas já demonstra um calor que não sentira por parte do meu pai nesses 23 anos de convivência (Nery, 2019, p. 121).

⁴ Ao narrar a história de infância da personagem, o autor faz o uso do pronome masculino para se referir à Madona enquanto criança. No entanto, cabe destacar que a personagem prefere ser chamada no feminino.

Tal como Nery, ainda criança, Madona era frequentemente vítima de preconceitos e violências. Sua identidade de gênero era vista como um problema até mesmo por sua família, e a solidão era sua maior companhia.

Diante da análise da construção da personagem, torna-se evidente que a personagem é construída como uma figura carente, embora conformada e acostumada com a vida que leva.

3 A CARÊNCIA DE AFETO PRESENTE NA VIDA DE MADONA

A carência afetiva da personagem é profundamente evidenciada através de um bordão marcante: "o amor é um pau no meu cu" (2010, p. 19). Essa frase revela sua descrença e decepção com relacionamentos amorosos. É uma expressão carregada de ironia e resignação e reflete a dureza da vida que a protagonista enfrenta enquanto mulher transgênero e a falta de um amor verdadeiro em sua trajetória.

Seu relacionamento conturbado com João Tripé, seu cafetão, amante e colega de quarto, traz à tona a complexidade de suas relações afetivas. João Tripé é descrito como um homem de contatos que distribuía drogas para a alta sociedade e buscava garotas para estrear filmes pornográficos. Ele se aproveita da solidão e da falta de esperança amorosa de Madona, manipulando sua inocência e levando-a rapidamente para sua armadilha. Essa interação coloca Madona em uma posição vulnerável, sujeita à exploração e à violência doméstica.

No contexto da violência e da exploração enfrentadas pela personagem, é importante destacar as questões levantadas por teóricos que discutem a marginalização e a objetificação de mulheres trans. Nascimento (2021), aborda a misoginia e o sexismo direcionados às mulheres trans, destacando como elas são constantemente sexualizadas e tratadas como objetos de desejo ou fetiche. Essa objetificação leva a uma maior vulnerabilidade à violência e à exploração. Quanto a isso, a obra de Butler, especialmente *Problemas de gênero* (1990), é relevante para entendermos as dinâmicas de gênero e as construções sociais que afetam a personagem como travesti. Butler (1990) argumenta que as identidades de gênero são performativas e construídas socialmente, e que as normas e os estereótipos de gênero exercem um poder opressivo sobre as pessoas que fogem da normatividade. Madona, ao desafiar as expectativas de gênero e ao se recusar a se encaixar em padrões preestabelecidos, enfrenta tanto a violência direta quanto a marginalização social e a segregação do afeto.

O relacionamento abusivo entre Madona e João Tripé coloca em pauta as interseções de gênero, o poder e violência propagada por homens cisgêneros e heterossexuais, expondo as vivências opressivas presentes na vida de inúmeras mulheres transexuais e travestis. Através da narrativa da personagem, Biajoni reflete sobre a violência sistêmica e a falta de afeto que permeiam as vidas de pessoas trans nos seguintes trechos:

Quase nunca sentia, é bom que se explique. Prazer. Procurava incessantemente, mas era raro. A soma de alguns fatores podia gerar algum prazer: um homem bonito e doce que sabia ser enérgico e mau na hora certa: que a tratasse como um ser humano, não como “um pedaço de carne que está ali para gozar em cima”; que gostasse de beijar (adorava beijar nos programas, embora fosse um tabu) (Biajoni, 2010, p. 23).

Ela era muito boba. Acreditava em algo maior. Acreditava que lhe devia favores, já que ele a tinha tirado do buraco e levado para o centro do mundo. Achava que ele ia cuidar dela (Biajoni, 2010, p. 24-25).

Neste trecho, é perceptível a busca de Madona por uma conexão verdadeira, algo que vá além do mero interesse sexual e do físico. Ela deseja alguém que a trate como uma pessoa completa (cabe ressaltar que a maioria das pessoas transexuais são vistas como “incompletas”) e não enquanto uma travesti. É possível estabelecer uma comparação entre a vivência de Madona e transfemininas do mundo real, como por exemplo, Luisa Marilac. Em seu livro biográfico *Eu, travesti* (2021), Marilac relata sua jornada enquanto travesti e compartilha suas experiências, incluindo um relacionamento que deixou marcas profundas em sua vida. Em um trecho do livro, Luisa demonstra que, nas relações entre pessoas transgênero e cisgênero, a transexualidade é um fenômeno que atravessa todos os outros. Essa confirmação se dá através de um diálogo entre seu ex-namorado, Cabeça, e a proprietária da casa onde o ex-casal vivia:

Cheguei na calada da noite depois dos nossos poucos móveis e fiquei quase um mês trancada na casinha, janelas cerradas durante o dia pra esconder minha travestilidade. Mas as praticidades da vida me desvendaram. Ao lavar a primeira muda de roupas, fui avistada no quintal. A proprietária da casa, Ana, fez cara de quem viu o capeta e, naquela noite, foi tirar satisfações com o Cabeça:
-É essa sua mulher?! Você está morando com uma travesti?! (Marilac, 2021, p. 114).

Há também o relato da pesquisadora Amara Moira, no livro *Vidas Trans* (2017), acerca de suas relações. A escritora conta que os homens que a desejam, com exceção dos homens trans, evitam se relacionar em público e não possuem coragem para encarar a sociedade transfóbica e seus preconceitos. Esse relato ressalta a importância de reconhecer e combater os padrões opressivos que permeiam os relacionamentos abusivos vivenciados por transexuais e travestis.

Assim como Madona, Luisa Marilac foi vítima de violência emocional, evidenciando a recorrência dessas experiências e a necessidade de enfrentar as dinâmicas de poder que as alimentam. A teórica bell hooks, em sua obra *Teoria Feminista* (2019), ressalta a

importância de analisar as relações de poder nas interações sociais, especialmente aquelas que ocorrem no âmbito afetivo e íntimo. Ela argumenta que a opressão e a violência são frequentemente reproduzidas nessas relações, perpetuando desigualdades e desrespeitando a autonomia das mulheres. Outro autor relevante nessa discussão é Pierre Bourdieu, cujas reflexões sobre o campo social e as relações de poder podem contribuir para a compreensão dos relacionamentos abusivos. Em sua obra *A Dominação Masculina* (2020), Bourdieu analisa a maneira como as estruturas sociais perpetuam a dominação masculina e a violência contra as mulheres. Ele destaca a importância de questionar os mecanismos de poder presentes nas relações de gênero e promover uma transformação social que valorize a igualdade e o respeito mútuo.

Ao traçar um paralelo entre as experiências de Madona e de transfemininas do mundo real, identificamos padrões comuns de violência, manipulação e desrespeito, além da necessidade de “esconder” relações e suas próprias identidades. De acordo com Zanello (2022, p. 66), “o que faz com que mulheres aceitem qualquer coisa em uma relação não é o amor dedicado a esse ou àquele homem, mas a necessidade de serem escolhidas e validadas como “mulher”. Mulheres que ‘deram certo’”. É possível incluir mulheres transexuais e travestis em seu discurso, visto que suas feminilidades são ainda mais cobradas e, conseqüentemente, esse papel de subordinação feminina pode ser confundido por muitas com uma forma de validação. Todas essas narrativas nos convidam a refletir sobre as estruturas sociais e de gênero que perpetuam essas dinâmicas opressivas e a buscar caminhos para a construção de relacionamentos mais saudáveis e igualitários.

4 O AFETO ENTRE AS PROTAGONISTAS

Elvis e Madona se conhecem de forma inusitada, em um momento de vulnerabilidade da personagem central. Ao entregar uma pizza no apartamento de Madona, a entregadora encontra a cliente devastada e aos prantos após ser roubada por João Tripé. A partir desse encontro, uma amizade e um amor “improvável” começam a se desenvolver.

A personagem se vê atraída por Madona. Entretanto, possui pouco conhecimento acerca de pessoas transgênero, pouca convivência com a comunidade trans e a vivência da amiga e, inicialmente, possui certo receio em se relacionar com ela, expondo alguns de seus preconceitos:

- Quando meu pai aceitou esse apartamento como parte do pagamento de um trabalho, Copacabana era muito chique, o centro do mundo, não essa decadência que se vê hoje.
- Decadência?
- É, esses travestis no meio da rua, essa sujeira, drogas, bandidagem... (Biajoni, 2010, p. 80).

Durante algum tempo, Elvis se vê chocada e horrorizada com a ideia de tantas travestis presentes no Rio de Janeiro. Como uma forma de aliviar a atração por sua amiga, busca justificativas “plausíveis” para seus sentimentos. No entanto, em uma grande contradição, quanto mais tem contato com as travestis trabalhadoras sexuais e procura diferenciá-las de Madona, mais consegue relacioná-las e aproximar suas vivências:

Duas ou três quadras adiante, viu alguns travestis nas esquinas. “Que degradação! Que vida desumana essas criaturas devem levar!” Depois lembrou-se de Madona, de como estava bonita; era um travesti diferente. E lembrou-se de sua própria condição: não era muito diferente daqueles travecos de esquina. Talvez fosse ainda mais solitária. E, certamente, mais infeliz (Biajoni, 2010, p. 64).

Ao perceber suas emoções e intenções, Elvis coloca a sua sexualidade em questionamento. A personagem, que sempre se entendeu enquanto lésbica e nunca havia beijado uma mulher transgênero, ainda sendo uma pessoa *queer*, nunca havia considerado essa possibilidade. Ao se relacionar sexualmente com Madona, suas noções de sexo são tomadas por noções consideradas cisnormativas. Nesse momento, a identidade da personagem travesti é colocada de lado, e seu sexo biológico a atravessa.

Ela tinha transado. Com. Um. Homem. Quer dizer, não era exatamente um homem, mas... era! Tecnicamente, era. Ela gostava de mulheres, sempre gostou, desde os doze anos quando beijou um menino e vomitou. Desde o dia em que deu carona para a Julinha, a menina mais bonita do colégio, tinham catorze ou quinze anos, e bastou o contato dos peitos da menina nas suas costas, as pernas abertas raspando o sexo na calcinha, enquanto a mobinete trepidava pelas ruas de paralelepípedos de Poços, para que ela gozasse e quase levasse as duas para o asfalto. E agora, resolvida e trintona, ela tinha tido uma relação sexual com um homem. Fora penetrada por um pau de verdade! Não era um consolo, não era um vibrador manipulado por uma gata peituda e gostosa: era um pau com um saco e um cara junto (Biajoni, 2010, p. 104).

O pensamento de Elvis, apesar de involuntário, evidencia a ignorância de muitas pessoas cisgênero acerca dos temas identidade de gênero e sexualidade. Ainda que a personagem esteja se entendendo e aos poucos percebe que sua lesbianidade também contempla a transexualidade de Madona, sua atitude é um reflexo das experiências sexuais de muitas travestis. É possível notar que a ideia de se relacionar com pessoas transgênero é um tabu não apenas para pessoas heterossexuais, como também para lésbicas e homossexuais. Esse tabu torna-se evidente nas palavras da pesquisadora Sheila Jeffreys (2014), que afirma que a existência de mulheres transgênero e travestis que se relacionam com mulheres cisgênero é, portanto, uma forma de agressão:

O transgênerismo machuca comunidades lésbicas, as quais são fraturadas acerca da entrada de homens que são transgêneros, e o desaparecimento de suas membras para a heterossexualidade química e cirurgicamente construída, que o transgênerismo oferece para um número crescente de lésbicas (Jeffreys, 2014, p. 6).

Alguns dias antes do acontecimento, em uma discussão com seus amigos sobre sua relação com Elvis, a própria Madona faz o mesmo questionamento. Nesse caso, é importante ressaltar que a personagem não tem contato com a existência de mulheres trans lésbicas e bissexuais e está acostumada a criar laços sexuais com homens cisgêneros que, acima de tudo, a fetichizam e objetificam, invalidando a sua identidade de gênero e a identificando por seu sexo biológico. No entanto, a resposta de um de seus amigos contrapõe os pensamentos confusos de ambas:

- Ah, Bill, nem posso negar isso, mas é claro que a fruta que ela gosta é outra.
- Ué, mas ela não gosta de mulher? (Biajoni, 2010, p. 86).

É possível comparar a confusão de Madona com a vivida por Márcia Rocha (2017, p. 105): “Era sim, bissexual, mas desde muito cedo percebeu que eram elas, e não eles, as grandes paixões da sua vida, o que lhe parecia uma contradição, muitas vezes confusa: como podia gostar de mulheres e querer ser igual a uma?”

A negação de Elvis sobre seus sentimentos está também relacionada à reação das pessoas cisgêneras ao se depararem com travestis e transgêneros. É possível fazer uma comparação entre a posição da personagem Madona enquanto uma mulher solitária e pouco considerada no quesito amoroso e um relato de Moira (2017):

E, para horror de quem convivia comigo, passei a testar como as pessoas reagiriam caso eu dissesse que a Roberta Close era linda e, mais do que isso, que eu adoraria poder ficar com ela. (...) Os olhares de reprovação que eu recebia eram marcantes, “tanta mulher para achar bonita, por que justo essa?”, todo mundo se perguntando se no fundo eu não era gay, qual a razão de eu encucar com isso, mas Roberta Close tinha saído na Playboy e em dezenas de outras revistas e bugou a cabeça daquela sociedade recém-saída da ditadura (manchetes da época diziam “A mulher mais bonita do Brasil é um homem”, dá pra imaginar?), então é como se ela já tivesse uma boa blindagem (Moira, 2017, p. 22).

O depoimento de Moira e a relação romântica e sexual entre Elvis e Madona são, no entanto, justificados pela diferenciação entre sexo, gênero e orientação sexual. Como afirma Paul Preciado (2022), apesar da existência de diversas previsões médicas para a conversão

de gays e lésbicas para a heterossexualidade através de operações de redesignação sexual, muitos trans masculinos vivem como gays após a transição, e muitas são as trans femininas que vivem como lésbicas.

Ao descobrir que está grávida de Madona, Elvis se desperta. Em um diálogo entre o casal, a personagem questiona a intransigência do ser humano. É notório que, pela primeira vez, sua atração por uma travesti deixa de ser um problema:

– A gente sempre fala da intransigência dos outros, mas não seríamos também intransigentes?

– ...

– Quando fechamos questão sobre nosso gosto sexual, sobre nossas preferências, não estamos desconsiderando um universo inteiro de possibilidades? (Biajoni, 2010, p. 150).

Nesse mesmo capítulo, Elvis mostra-se preparada, finalmente, para assumir o relacionamento com uma travesti. Levanta-se e, diante dela, declara-se: “– Madona, eu te amo!” (2010, p. 151), e se depara com uma Madona confusa, indecisa, justamente por não fazer ideia do que é o amor, apesar de também amá-la.

5 OCULTAÇÃO E FAMÍLIA

A protagonista se vê em um beco escuro e sem saída ao precisar encarar mais um obstáculo: conhecer os pais da namorada, que a apresenta por seu nome morto, Adailton, ao invés do social. Elvis afirma que seus pais são conservadores e dificilmente aceitariam e respeitariam um relacionamento entre uma mulher cisgênero e uma travesti.

– O que eu preciso te pedir...

– ...

– É que você faça um grande esforço e...

– ...

– Vá almoçar conosco vestido como homem! (Biajoni, 2010, p. 163).

Apesar de evidentemente não se sentir confortável usando roupas consideradas masculinas, no intuito de agradar a namorada, Madona concorda com a ideia. Contudo, ao encontrarem os pais de Elvis, ela se encontra perdida ao imaginar sua vida em Minas Gerais, criando um filho sob valores cisheteronormativos e forçando uma identidade que não a pertence:

Adailton fantasiou ter um salão em Poços, aparar cabelos e fazer a barba de todos aqueles mineiros conservadores e turistas chatos, passear no final da tarde com Elvis e o filhinho em uma das praças chatas e vazias de Poços, tomar banhos termais uma vez por mês, levar o pequerrucho para andar nas charretes com pôneis... Teve uma visão infernal da sua vida, uma antecipação da divina comédia que se prefigurava na fala de seu Heitor (Biajoni, 2010, p. 168).

A necessidade da ocultação da transexualidade de Madona e a ideia de que uma travesti só receberá afeto e construirá uma família voltando para o armário é, infelizmente, uma realidade presente na sociedade, afinal, são inúmeros os casos de destransições⁵ forçadas, seja por questões pessoais como dificuldade financeira ou pelo medo da transfobia, da morte e da solidão. Em seu livro autobiográfico *E se eu fosse puta* (2023, p. 131), Moira afirma com firmeza: “Felicidade não foi feita para nós, amor não é algo a que temos direito. Eis que me tornei a pessoa que não pode ser apresentada à família, a pessoa com quem é preciso coragem para assumir uma relação.” Sua afirmação dialoga com os escritos de Nery (2019), em um dos capítulos de sua biografia, que transcrevem a fala de uma mãe transexual, impedida pela ex-esposa de ser presente na vida do filho e de ter uma família apenas por ser quem é:

A mãe dele, em 2008, com receio de que minha mudança pudesse influenciar na formação de sua personalidade, me processou, numa tentativa de restringir meu contato e minha convivência com ele. Na petição, nitidamente preconceituosa e discriminatória, ela colocava várias regras para eu o ver, como visitas acompanhadas de psicólogos judiciais, visitação a cada quinze dias com duração de três horas e acompanhada de psicólogos e que, sobretudo, eu não fosse “travestido” de mulher quando o visse (Nery, 2019, p. 328-329).

Ademais, a identidade feminina da protagonista é posta em questionamento, simultaneamente, por João Tripé e Cride. Após descobrir sobre a gravidez de Elvis, responsável por tirar as fotos incriminadoras que o colocaram na prisão, João é informado pelo colega sobre a suposta “paternidade” de sua ex-namorada. Surpreso, o personagem afirma não acreditar “nessa história de que a Madona vai... ser pai.” (2010, p. 158).

Todavia, as próprias protagonistas também discutem sobre os papéis de gênero que serão adotados para a criação do filho. Cabe, baseado no discurso de todos os personagens do livro, fazer uma reflexão crítica acerca da cisheteronormatividade presente na sociedade, que impõe, ainda que de formas implícitas, a ideia de que pessoas transexuais não podem ser pais ou mães, como no relato de Nery (2019) de sua vivência enquanto pai e sua relação com a mãe de seu filho:

⁵ Destransição, também chamada de retransição, é a reversão ou a interrupção da transição de pessoas transexuais, transgêneras e travestis. Esse fenômeno pode ocorrer por meios sociais, legais ou médicos. Em muitos casos, pode ser uma ação imposta através da discriminação e da pressão familiar, como afirma um estudo promovido pelo Instituto Fenway e pelo Hospital Geral de Massachusetts (Carreira, 2022).

Depois de uns dias, ela me revelou que, cerca de um ano antes, um amigo a tinha alertado de que eu era um pai transexual e tentaria assumir também a “mãe” que eu teria dentro de mim e que, portanto, desejaria “matar a mãe”, que era ela. Para cúmulo, disse que eu tinha ofendido a Deus, por contrariar a natureza. Logo ela, que não só vivera comigo todos aqueles anos como também questionava a existência divina (Nery, 2019, p. 289).

São notórios, durante toda a obra, diversos questionamentos direcionados à personagem Madona e às suas ações e desejos que não seriam feitos para pessoas cisgênero em situações cotidianas parecidas, como a existência de um filho, de um amor, de uma família para pertencer e cuidar. Madona, assim como muitas travestis brasileiras, ao realizar pequenas atividades e conquistas, sempre é envolvida em uma luta.

É inegável que a falta de representatividades não estereotipadas e a exclusão de pessoas trans traz como consequência pensamentos suicidas e auto depreciativos para essa população, por não se sentir verdadeiramente incluída e humanizada pela sociedade cisgênera, bem como a propagação de estereótipos e preconceitos que resultam em crimes violentos. No ano de 2023, a violência contra pessoas LGBTQIAP+ passou a ser enquadrada como crime de injúria racial e, de acordo com o Supremo Tribunal Federal, os responsáveis por esses atos não possuem direito a fiança ou limite de tempo para responder judicialmente. Em contrapartida, nesse mesmo ano, o Dossiê de LGBTIfobia Letal denunciou 230 mortes violentas de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis no país. Dentre elas, 184 foram assassinatos e 18 suicídios. Das pessoas assassinadas, 142 eram mulheres trans e travestis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise da obra *Elvis e Madona*, de Luiz Biajoni (2010) tornou-se perceptível os entrecruzamentos da literatura com as questões sociais, sobretudo com aquelas relacionadas à identidade de gênero e sexualidade. Destacando-se, contudo, que, apesar de não estar no cerne das discussões da literatura nacional contemporânea, a obra é relevante por tratar das questões sociais, de afeto e de identidade do grupo de pessoas trans no Brasil, identificando a necessidade de que pessoas transexuais e travestis sejam representadas em todos os tipos de arte. No entanto, desde os primórdios do cinema e da literatura, boa parte das representações e narrativas que envolvam pessoas trans são caricatas e problemáticas.

Por outro lado, pode-se concluir que *Elvis & Madona* (2010) proporciona um entendimento aprofundado em relação às complexidades da vivência transexual na sociedade, apresentando em sua narrativa questões rotineiras como a marginalização, a prostituição - sendo essa muitas vezes a única fonte de renda de inúmeras mulheres transexuais e travestis - a sexualidade, a fetichização e o abuso. Madona é, inclusive, vista, por boa parte dos outros personagens, como descartável. Ela é sexualizada e referenciada

muitas vezes como uma aberração – um grande reflexo da visão cisgênera sobre corpos trans.

Biajoni, apesar de ser um homem cisgênero, tenta retratar ao máximo a realidade deste grupo, expondo e denunciando a violência de gênero e a exclusão de pessoas trans do trabalho e de relações românticas e familiares. Além disso, sua obra é também um convite para que o leitor repense os conceitos de amor e afeto, liberdade e sexualidade, oferecendo representatividade e narrando uma história de amor que foge de estereótipos cisheteronormativos.

Essa representação colabora para que um grupo socialmente marginalizado possa, enfim, ser finalmente protagonista de uma história. No caso de *Elvis & Madona*, uma travesti enquanto personagem principal é, por si só, um ato revolucionário. O romance das personagens inspira outras pessoas transexuais, travestis e dissidentes de gênero que, durante boa parte de suas trajetórias, nunca se viram em uma história de amor. Que diariamente ouviam e absorviam o pensamento de que jamais seriam amadas e acolhidas, tal como Madona nos primeiros capítulos do livro.

REFERÊNCIAS

BIAJONI, Luiz. **Elvis & Madona [uma novela lilás]**. Rio de Janeiro: Editora Língua. Geral, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARREIRA, P. Destransição: Dos mitos aos factos. **EsQrever**, 27 mar. 2022. Disponível em: <https://esqrever.com/2022/03/27/destransicao-dos-mitos-aos-factos>. Acesso em: 31 ago. 2024.

DOSSIÊ denuncia 230 mortes e violências de pessoas LGBT em 2023 – Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2023/#:~:text=Em%202023%20foram%2030%20mortes>. Acesso em: 23 jul. 2024.

hooks, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JEFFREYS, Sheila. **Gender hurts**: a feminist analysis of the politics of transgenderism. London: Routledge, 2014.

MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. **Eu, travesti**: Memórias de Luísa Marilac. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021.

MOIRA, Amara; NERY, João W.; ROCHA, Márcia; BRANT, Tarso. **Vidas trans**: A luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social. Bauru, São Paulo: Astral Cultural, 2017.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NERY, João W. **Viagem solitária**: memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2022.

SILVA, V.; CORNELLI, G. Questões de gênero em Platão e Eurípedes: corpos antigos e gender performativity. **Educação e Pesquisa**, v. 47, 2021.

Recebido em: 26/07/2025
Aceito em: 04/12/2025